



ÉTICA EM COLAPSO: A ARTE IMORAL DE NICOLA CONSTANTINO

Maria Angélica Melendi de Biasizzo

UFMG/CBHA

Um motivo recorrente na obra da artista argentina Nicola Constantino são séries de esculturas esféricas e de baixo-relevos feitos a partir de moldes empilhados de fetos de cavalos, bois, porcos e ovelhas. Nos baixo-relevos, os animais estão apertados ao longo de estreitos canais, que tanto podem ser um canal de parto ou uma linha de montagem. Um display publicitário exibe a foto de uma mulher sensual e oferece Savon de Corps, um sabonete com a forma de um corpo feminino. Atônitos, lemos que é feito com uma porcentagem de gordura humana da própria autora, que a retirou numa lipoaspiração. Constantino também confecciona roupas e acessórios feitos com simulacros de pele e cabelo humanos, repetindo — e estetizando — práticas infames dos campos de concentração nazistas.

Um desconforto físico nos atravessa nesses trabalhos, cuja finalidade — intuímos —, não seria atingir por antinomia um sentido ético exemplar, mas apenas solicitar o sensível por médio de um apelo ao estranho ou ao perverso. Seria possível abordar a obra de Constantino desde o ponto de vista de uma possível "estética da abjeção", ou seja, uma que postule o desvelamento do que deveria permanecer oculto, escondido, secreto. De acordo com Julia Kristeva, o abjeto é aquilo do que o eu deve se liberar para devir em eu. Uma sustância fantasmática, alheia ao sujeito, mas íntima a ele, tão íntima que sua proximidade produz pânico. O abjeto se traduziria em estados do



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

corpo nos quais não deveríamos pensar nem deveríamos ver: o cadáver que nos nutre e nos abriga; o cadáver que seremos. No trabalho de Constantino, esse cadáver em potencia proliferaria, já não em resíduos inomináveis, mas artigos suntuosos: vestimentas feitas de pele e cabelos humanos, cosméticos destilados de gordura humana.

Si, como quer Bataille, a arte já não está más ao serviço da religião, mas continua sob a servidão do horror; se a arte persiste em representar o repugnante, o asqueroso é porque o que está em jogo sempre é o prazer, um prazer forte, doloroso, mas prazer em fim.

A obra de Nicola Constantino interrompe as travessias da interpretação. à sombra dos milhares de corpos desaparecidos e insepultos do passado recente da Argentina, o trabalho da artista parece apostar, levemente, no aproveitamento sustentável dos resíduos. A aparição e a legitimação dessas obras no fim do século XX, a ausência de um debate mais amplo a partir delas nos falaria das inconsistências do sistema para lidar com o inominável.

Corpo, ética, política